

PROJETO DE PESQUISA: OS INDIOS SURUI  
DA RONDONIA - CONDIÇÕES MATERIAIS DO  
PROCESSO DE REPRODUÇÃO ECONOMICA

INTRODUÇÃO

=====

Da época colonial aos dias atuais, o alargamento das fronteiras econômicas brasileiras jamais encontrou obstáculo significativo a ser superado. As várias centenas de sociedades indígenas espalhadas pelo território a ser colonizado foram aniquiladas ou reduzidas a pequenos grupos imobilizados ante a capacidade de extermínio da civilização. Dos 230 grupos indígenas existentes em 1900, restaram em 1957 apenas 143, isto é, 87 sociedades foram extintas. Do total das sociedades extintas, 59 localizavam-se em área de economia extrativa que coincide praticamente com a região Amazônica. Os principais agentes do extermínio foram o contágio de moléstias, conflitos com seringueiros, coletores de castanha, etc., e o progressivo engajamento indígena como mão-de-obra destinada a enfrentar árduas condições de vida nas frentes de expansão.

Na última década, o desenvolvimento econômico no Brasil tomou novo impulso e a Amazônia passa a ser conquistada por grandes empresas privadas, estatais e multinacionais. O novo modelo de desenvolvimento envolve, entre outras coisas, o estímulo às atividades mineradoras de cunho empresarial, o crescimento da agro-empresa e o conseqüente desflorestamento. Os agentes de extermínio indígena são assim potenciados e, como decorrência, inúmeros grupos desapareceram, ou estão em vias de desaparecer, sem deixar vestígio e sem que se tenha qualquer registro sobre sua cultura.

O território federal da Rondônia é o exemplo mais típico do processo vertiginoso de ocupação e expansão econômica na Amazônia. Essa ocupação, que se deu inicialmente com o ciclo da borracha, se intensifica a partir de 1964 com:

- 1)- A exploração de minérios (principalmente cassiterita)
- 2)- A abertura de rodovias (em 1970 a BR-364, que liga Cuiabá a Porto Velho, se transforma em rodovia de tráfego permanente e nessa década é construída a BR-319 que liga Manaus a Porto Velho).
- 3)- A ocupação de terras pelos projetos de colonização.
- 4)- A ocupação de terras por projetos agro-industriais estimulados por incentivos fiscais. Principalmente a partir de 1978 o cacau e o café determinarão a ocupação de extensas áreas, a Rondônia se transformando num Paraná sem geada.
- 5)- Projetos agro-pecuários. Em 1974 o rebanho era de 45 mil cabeças e em 1976 de 100 mil.
- 6)- Exploração madeireira. Em 1976 existiam cadastradas no IBDF 104 serrarias em todo o território.

O crescimento demográfico do território é surpreendente. Em 1970 Rondônia contava com 110 mil habitantes e em 1976 com 350 mil. A cidade de Vila Rondônia (Gi-Paraná) teve sua população acrescida de 730% no período. Cacoal, próxima ao parque do Aripuanã, tinha em 1972 5 casas e em 1976 16 mil habitantes.

É indubitável a importância dos projetos de colonização para explicar esse crescimento demográfico. Em 1976 cerca de 11% da área do território estava transformada em área de colonização, sob a forma de projetos integrados de colonização ou projetos de assentamento dirigido. A título de exemplo, só durante o mês de julho de 1976, 4 mil imigrantes foram transportados em 270 caminhões. Há em Vilhena um posto de fiscalização que tenta sem sucesso impedir a imigração excessiva. O INCRA, no entanto, não consegue proceder a uma ocupação regularizada e legal das terras. Os projetos do INCRA podem abrigar 22 mil famílias, mas existem na Rondônia 29 mil famílias com direitos a lotes de colonização. O excedente de 7 mil acaba invadindo terras particulares. Há além disso a ocupação espontânea por imigrantes e companhias clandestinas, como os Irmãos Melhorança e

a Companhia Itaporanga que vendem terras. Assim, basta derrubar a mata para uma garantia mínima de posse e vários títulos de posse ou propriedade sobre uma mesma área se superpõem, sendo os conflitos resolvidos pela violência.

Diante desse processo, não só se cria uma situação tensa do ponto de vista social, com problemas na área de saúde, educação, aumento do emprego infantil na agricultura ainda mais violento que nos outros estados, como é fortíssima a pressão sobre as áreas indígenas.

O parque do Aripuanã foi criado em 1968 (Decreto nº 62.995 de 16.10.1968) em seguida à publicidade em torno do massacre do paralelo onze, em que índios Cinta-Larga foram assassinados.

O parque compreende os postos indígenas de Sete de Setembro, Roosevelt e Serra Morena. Sua sede é o posto de Riozinho, apenas com funções administrativas e sem população indígena. O posto de Lourdes, que antes fazia parte do parque, fica hoje fora da área demarcada. Próximo ao Sete há uma aldeia Surui, a Linha 14, onde oficialmente não há posto indígena. Há inúmeras aldeias Cinta-Larga isoladas.

O Posto Sete foi criado em 7/setembro/1969, quando foram atraídos os Surui por Francisco e Apoena Meirelles. Os postos Roosevelt e Serra Morena também foram criados em 1969 quando da pacificação dos Cinta-Larga. Em 1977 os índios Zoró ou Cabeça Seca foram pacificados por Apoena e por Zé Bel.

A área do parque, que era em 1973 de 3.600 mil Ha, foi naquele ano reduzida a 1.672 mil Ha. Trata-se de uma área rica em minérios e em 1972 grandes companhias, com autorização da FUNAI, substituíram os garimpeiros na exploração mineral, o que provocou a demissão de Apoena Meirelles da chefia do parque, em sinal de protesto. Atualmente não há empresas de mineração dentro do parque mas há muitas solicitando a entrada.

Hoje, a situação de terras dos Surui é aproximadamente a seguinte: Vivem numa área interditada (que portanto não faz parte do parque) onde estão também 159 famílias (650 pessoas) de posseiros no projeto Gi-Paraná de colonização. Uma área vizinha foi desinterditada para a transferência dos posseiros, mas o INCRA não tomou providências nesse sentido e essa área já se encontra tomada por grileiros. Há tensão contínua entre os Surui e colonos que avançam em suas terras e periódicos ataques armados.

## OBJETIVOS DO TRABALHO

=====

Dentro deste contexto, o objetivo desse trabalho é estudar o grupo Surui. Em 1977 a população Surui totalizava aproximadamente 314 pessoas. Afora alguns estudos linguísticos, quase nada se conhece a respeito desses grupos. A publicação nº 1, do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, inclui os Surui na área cultural Guaporé e acrescenta: "Segundo informações (1962), de moradores da região, são conhecidas, com denominação vulgar, as seguintes tribos: ... Surui, no alto Madeirinha, afluente do Aripuanã, são mencionados como antropófagos e hostis".

Impõe-se como tarefa urgente, não apenas o levantamento etnográfico desses grupos, mas basicamente a busca de alternativas políticas e econômicas que possam de alguma forma impedir ou pelo menos amenizar a desorganização da sua sociedade e cultura frente ao impacto da fronteira econômica que alcançou a região e do caráter agressivo e mesmo violento das relações que aí se estabelecem no processo de ocupação da terra.

O objetivo do trabalho é assim: 1)- estudar a organização social dos Surui de modo a compreender a produção e a reprodução da existência material do grupo; 2)- definir o que se produz e principalmente 3)- estudar as condições materiais necessárias à realização do processo de trabalho.

Para compreender o processo de reprodução econômica, serão vistos com destaque os produtos destinados a servir de meio de produção, isto é, de condições do processo de trabalho. Neste nível, é importante registrar todas as formas de cooperação entre produtores, formas que permitem superar os limites do trabalho individual.

É provável que as relações de parentesco definam a composição da equipe cooperativa e mesmo estabeleçam a direção incumbida de harmonizar as atividades. Será o caso, então, de abordar as relações de parentesco como ingredientes internos à organização social do trabalho.

Supõe-se que o produto - seja ele alimento, matéria-prima ou meio de trabalho - gerado pelo esforço coletivo ou individual destina-se à reprodução de todo o grupo: adultos, velhos e crianças. Será importante determinar os canais responsáveis pela distribuição do produto social e os mecanismos que atuam no processo.

Finalmente, deverá ser estudado o modo de articulação desses grupos com a economia nacional, quer as relações sejam estabelecidas diretamente, quer através do órgão encarregado de prestar assistência aos indígenas (FUNAI).

Formalizamos as seguintes hipóteses de trabalho:

HIPOTESES  
=====

1. No nível tribal, a relação que liga as unidades de produção às unidades de consumo tem caráter não-mercantil.
  - 1.1. - A circulação é regida basicamente pelas relações de parentesco que ordenam a estrutura social tribal.
2. As unidades de produção e de consumo se constituem segundo princípios e mecanismos semelhantes.
  - 2.1. - As unidades de produção e consumo são da mesma dimensão e estrutura.
3. As unidades de produção trazem em si mesmas as condições de sua reprodução.
4. O envolvimento da população tribal pelas frentes de expansão afeta de modo diferencial a estrutura econômica indígena.
  - 4.1. - A reprodução das unidades produtivas passa a depender de relações mercantis, mesmo quando essas se estabelecem de modo não sistemático.

- 4.2. - O ordenamento das relações com a economia mercantil-capitalista se dá da seguinte forma: troca de bens por mercadorias, troca monetária, troca da força de trabalho por salário.
5. As relações com a economia mercantil-capitalista são mediatizadas pela administração da FUNAI.
- 5.1. - A interferência dos agentes da administração federal se dá na esfera de captação de recursos extra-orçamentários destinados a fazer frente aos problemas gerados pelas relações que progressivamente se estabelecem entre as comunidades indígenas e o mundo capitalista (novas necessidades de consumo e ocupação do território para garantir os limites da área demarcada e dessa forma impedir maior número de invasões, além das já existentes.
6. A administração da FUNAI introduz alterações nas relações de produção originárias, aproximando-as das relações capitalistas correntes. Isto é, na busca de recursos extra-orçamentários, implanta projetos econômicos (culturas de café, arroz) nos quais centraliza as decisões e estabelece relações e rotina de trabalho distintas dos padrões tribais.

PLANEJAMENTO DO TRABALHO

=====

O meu trabalho junto aos índios Surui será feito paralela-  
mente a um estudo sobre os índios Cinta-Larga realizado pela Profa :  
Carmen Junqueira. Trata-se, portanto, de parte de um estudo sobre  
o Parque Aripuanã.

A pesquisa de campo está prevista para 3 períodos de se-  
ca (meses de maio a outubro de 1979, maio a outubro de 1980 e maio a  
outubro de 1981) e apenas um período de chuvas (janeiro e fevereiro de  
1980), dadas as difíceis condições de vida na área. A pesquisa de cam-  
po, portanto, está prevista para aproximadamente 2 anos. O terceiro  
ano se destinaria a analisar os resultados e escrever a tese.

Paralelamente à pesquisa de campo, será feita uma pesqui-  
sa de arquivo (já encetada), com coleta de dados em arquivos, bibliote-  
cas e jornais sobre a população indígena e a expansão capitalista na A-  
mazônia e, em especial, em Rondônia e Norte de Mato Grosso.

Durante o mês de outubro passado, visitei com a Profa.  
Carmen Junqueira a região e conhecemos os três postos da FUNAI  
que devem nos fornecer apoio durante a pesquisa: P.I. Sete de Setem-  
bro, P.I. Roosevelt e P.I. Serra Morena. O contato com os índios  
foi amigável, apesar de rápido. Segundo informações dos sertanistas  
que nos acompanharam e com base nos noticiários de jornal a partir  
de 1972, sabe-se que tanto os Surui como os Cinta-Larga, apesar de  
contatados desde os primeiros anos da década de 70, são em determi-  
nadas circunstâncias bastante agressivos.

Não há dúvida que a pesquisa será iniciada num clima de  
certa tensão: em primeiro lugar pela falta de familiaridade da pesqui-  
sadora com o grupo e em segundo lugar pelo relativo isolamento das  
áreas. Pretende-se, é claro, ampliar o mais possível o tempo de  
permanência nas aldeias, inclusive por ser urgente o aprendizado da  
língua nativa (Tupi-Mondé). Mas sabemos de antemão que serão ne-  
cessárias várias viagens de retorno a São Paulo antes de estar con-



cluída a coleta de dados etnográficos, para avaliação do relacionamento com a população indígena e sistematização do material já coletado.

Os itens a serem observados são, de modo sintético, os seguintes:

1. Estrutura Econômica Tribal

Processo de trabalho, individual e coletivo, por atividade (pesca, coleta, caça, horticultura). Organização das tarefas e composição das equipes, itinerário e dispersão, condições naturais e sociais de acesso aos recursos. Aspectos técnicos do modo de produzir alimento, matéria-prima e instrumentos de trabalho; estimativa da produção, circuito dos diversos tipos de circulação, consumo e troca. Modalidades de troca e formas de equivalência.

2. Articulação com a Economia Nacional

Função dos postos indígenas. Atividades econômicas que envolvem a população indígena, formas de recrutamento da mão-de-obra, regime de trabalho, planejamento das atividades, participação individual e comunitária nos resultados econômicos. Sentido econômico e consequências sociais desses empreendimentos.

Assalariamento fora da área indígena, troca de artesanato por mercadorias. Importâncias dessas atividades para a reprodução do grupo, alterações que provocam na estrutura tribal a avaliação dos seus eleitos.

METODOS E TECNICAS

=====

1. Observação participante e registro sistemático da rotina de vida nativa. Uma das vantagens dessa técnica é munir o pesquisador de dados sobre vasta multiplicidade de fatos, possibilitando o estudo da estrutura econômica tribal e de seus nexos com o sistema capitalista através de ampla série de manifestações concretas, nem sempre plenamente previstas.
2. Entrevistas e histórias de vida: duas técnicas da maior importância mas cuja aplicação depende do conhecimento da língua indígena.
  - a. Pretende-se trabalhar com roteiro estruturado e que privilegie as relações de parentesco e afinidade. Fomos informados que tanto os Surui como os Cinta-Larga não falam o próprio nome e nem aquele de pessoas mortas. Prevê-se alguma dificuldade na aplicação do método genealógico, a curto prazo. As entrevistas e histórias de vida deverão assim fornecer, entre outros dados, informações preliminares sobre o sistema de parentesco.
  - b. Serão também entrevistados os sertanistas responsáveis pelos primeiros contatos com os indígenas, chefes de posto e demais funcionários estados nas áreas em estudo.
  - c. Entrevista com informantes indígenas que tenham lembrança dos primeiros contatos com agentes da sociedade nacional.
3. Levantamento de dados históricos em arquivos e museus; levantamento de mapas e planos da área. Coleta de material sobre os grupos junto ao Ministério do Interior, em especial na FUNAI, jornais, revistas, etc..

BIBLIOGRAFIA

=====

Não há nenhum trabalho etnológico específico sobre os Surui e os Cinta-Larga. Relacionamos abaixo alguns textos onde são feitas referências a eles:

Aborigines Protection Society - Tribes of the Amazon Basin in Brasil:  
1972, Londres, 1973.

Chiappino, J. - The Brazilian Indigenous Problem and Policy: The Aripuanã Park. Copenhagen/Gêneva, Amazind/IWGIA Document, nº 19, 1975.

Davis, Shelton H. - Vítimas do Milagre. O Desenvolvimento e os Índios do Brasil. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

Dornständer, J. - Informações e Croquis detalhado da Região Arinos Juruena - Aripuanã. Arquivos do CNPI, 1961/1962 -Rio de Janeiro.

Lévi-Strauss, C. - Tristes Trópicos. São Paulo, Editora Anhembi Ltda., 1957.

Malcher, J.M.G. - Índios. Grau de Integração na Comunidade Nacional. Grupo Linguístico. Localização. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura. Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Publicação nº 1. Nova série. 1962.

Martins, E. - Nossos Índios Nossos Mortos. Rio de Janeiro, Editora Codecri, 1978.

Puttkamer, W.J. Von - "Brazil Protects her Cintas Largas", National Geographic Magazine, 140, nº 3, setembro de 1971, pp. 420-444.

Ribeiro, D. - Os Índios e a Civilização. Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1977.

Saake, W. - "Einige wichtige und dringende Forschungsaufgaben in Brasilien", Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research, nº 3, 1960.

Tolksdorf, F. - "Ethnographische Beobachtungen in Zentral Brasilien" Zeitschrift fuer Ethnologie, Bd. 81, 1956, pp. 270 - 286. Informações ao CNPI (19/06/62).

Büttow, A. e Zwetsch, R.E. - Relatório acerca da situação de posseiros e índios na reserva Surui - Parque Indígena Aripuanã, Território Federal de Rondônia. Mimeo. 1978.

BIBLIOGRAFIA SOBRE A FAMÍLIA TUPI-MONDÉ  
=====

Bontkes, Willem e Carolyn - Phonemic Analysis of Surui. Mimeo. SIL, 1978.

Bontkes, C. - Tentative observations of Morphophonemic changes in the verbs and the possessed nouns of Surui. Mimeo. 1974. Surui Syllable prosodies. Mimeo. 1976.

Bontkes, W. - Surui clauses. Mimeo. SIL, 1976.

Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras, II Questionário. Língua Cinta-Larga, Família Tupi-Mondé, Posto Indígena Roosevelt, Museu Nacional, Rio de Janeiro, s/d.

Hanke, W. - "Breves notas sobre os índios Mondé e o seu Idioma" , Dusenja, Curitiba, vol. I, 1950, pp. 215-228.

- Moore, D. - Structural Properties of a previously undescribed Tupian Language: Gavião. Mimeo. 1978.  
Gavião Language of Rondonia, Brazil. Mimeo. 1978.
- Sandberg, C. e Kingston, P. - Tentative Phonemic Statement of the Cinta Larga Language. Mimeo. s/d.
- Sandberg, C.D. - Cinta Larga Clause Constituents. Mimeo. 1976.
- Sandberg, C.D. - Short rise in Cinta Larga and its Implication for tone and length. Mimeo. SIL, 1977.
- Sandberg, C.D. e Sandberg, P.M. - Dicionário Cinta Larga - Português-Inglês, Mimeo. 1978.
- Sandberg, P.M. - Cinta Larga Nominal Phrase. Mimeo. SIL, 1977.

BIBLIOGRAFIA SOBRE TECNICAS

=====

- Cresswell, R. e Godelier, M. - Outils d'enquête et d'analyse anthropologiques. Paris, François Mas - pero.
- Griaule, M. - El metodo de la etnografia. Buenos Aires, Editorial Nova, 1969.
- Gudschinsky, S.C. - How to learn an unwritten language. New York, Holt, Rinehart and Winston. 1967.
- Murdock, G.P. et alli - Outline of Cultural Materials. New Haven, Yale University Press, 1945.
- Real Instituto de Antropologia da Grã-Bretanha e da Irlanda: Guia Prático de Antropologia, São Paulo, Editora Cultrix, 1973.

BIBLIOGRAFIA GERAL

=====

Baldus, Herbert - Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira, São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

Levantamento de Recursos Naturais, vol. 16, fl. SC. 20 Porto Velho, IV Vegetação. Ministério de Minas e Energia, Departamento Nacional de Produção Mineral. Projeto Radambrasil, Rio de Janeiro, 1970.

O'Leary, T.J. - Ethnographic Bibliography of South America, New Haven Human Relations Area Files, 1963.

Projeto Radambrasil, Programa de Integração Nacional, bol. 16 -  
- Levantamento de recursos naturais.

Steward, J. H. (ed) - Handbook of South American Indians. New York, Cooper Square Publishers Inc., 1963, vol. 3, "The Tropical Forest Tribes".

ORÇAMENTO  
=====

MATERIAL DE CONSUMO			
ITEM	DESCRIÇÃO	PREÇO UNITARIO	TOTAL
1	Equipamento para acampar (lâmpadas, corda de nylon, bujão de água, espiriteiras, facões, mochilas, cantis)		7.000,00
2	Medicamentos e material de primeiros socorros		2.000,00
3	10 cassettes (90 minutos)	70,00	700,00
4	6 filmes branco e preto	80,00	480,00
5	6 filmes coloridos	130,00	780,00
6	6 filmes para slides	130,00	780,00
7	Revelações e cópias		3.600,00
8	Pilhas - 10 dúzias		800,00
9	Material de papelaria (cadernos, fichas, lápis, caneta).		1.000,00
10	cópias xerox de documentos de arquivos		15.000,00
SUB-TOTAL			32.140,00

SERVIÇOS TECNICOS AUXILIARES			
ITEM	DESCRIÇÃO	PREÇO UNITARIO	TOTAL
1	1 Assistente de pesquisa (arquivos, jornais, revistas) durante 6 meses	3.000,00 mensais	18.000,00
SUB-TOTAL			18.000,00

EXCURSOES CIENTIFICAS			
ITEM	DESCRIÇÃO	PREÇO UNITARIO	TOTAL
1	Despesas com transporte aéreo: 2 viagens ida e volta S. P. /Cuiabá/Gi-Paraná/Riozinho/7 de Setembro (inclusive avião particular até o posto)	20.000,00	40.000,00
2	Alimentação: 365 dias, dois pesquisadores, a Cr\$ 200,00 por dia - período 6 meses 150 x 50 2.000,00/mês Compra alimentos, latas, etc.		12.000,00
3	Estadas e diárias (10 diárias e estadas em hotéis e alojamentos - Cuiabá, Cacoal, Porto Velho, Riozinho, Humbolt, Pimenta Bueno, etc. - a Cr\$ 500,00 por dia)		5.000,00
SUB-TOTAL			107.140,00

OBSERVAÇÕES

=====

- (1) O transporte aéreo até Gi-Paraná é feito por linhas domésticas regulares. A partir daí o transporte aéreo é realizado através de afretamento de taxi-aéreo. As duas viagens seriam feitas em julho de 1979 e em abril de 1980 (ou se possível em janeiro de 1980).
- (2) Grande parte do valor atribuído à alimentação será realizado pelo pagamento a pessoal que habita os postos e reservas indígenas da área.
- (3) As estadas e diárias se referem não só àquelas envolvidas no itinerário regular para as áreas indígenas, mas também a viagens para pesquisa em museus, arquivos e órgãos administrativos.



DIVERSOS E IMPREVISTOS		
ITEM	DESCRIÇÃO	TOTAL
1	Artigos de troca para os informantes indígenas (tesouras, facões, panelas, instrumentos de pesca, etc.)	15.000,00
TOTAL		122.140,00

0-0-0-0  
0-0-0  
0-0  
0